

Carne Suína

Kamilla Ribas Soares
Zootecnista. Doutora em Zootecnia
kamillars@bnb.gov.br

Luciano Feijão Ximenes
Zootecnista. Doutor em Zootecnia
lucianoximenes@bnb.gov.br

Resumo: após dois anos de margens negativas, a suinocultura nacional entra num período mais favorável, em função da queda dos custos dos grãos que vem ocorrendo desde o 1T2023. Ainda assim, a inflação segue pressionando os custos de produção, especialmente energia, transporte (frete) e ração. A permanência desse cenário dependerá do resultado favorável das safras de grãos no mercado internacional, dos impactos ambientais advindos do El Niño e dos conflitos geopolíticos. Considerando o acumulado deste bimestre, as exportações foram tímidas, acréscimo de +0,51% (US\$) e +13,03% (kg) em relação ao 1B2023. O abate de suínos atingiu 14,15 milhões de cabeças no 4T2023, aumento de +1,13% para o 4T2022, porém, queda em comparação ao 3T2023 (-3,36%). Na produção no 4T2023, houve recuo de -5,8% (1,30 milhão de toneladas), em relação ao 3T2023 (1,38 milhão de toneladas), ganhos em produtividade de +1,56% em relação ao 4T2023 (1,28 milhão de toneladas). Esse crescimento cauteloso pode estar associado à retração econômica chinesa que vem controlando suas importações e limitando a demanda. No Nordeste, alta de +4,89% no abate de suínos no 4T2023 em relação ao 3T2023 (167,72 para 175,92 mil cabeças), com alta na produção de carne de +5,39% (13,49 mil para 14,22 mil toneladas). O volume exportado na região foi expressivo em relação ao 1B2023, altas de 63,49% (US\$) e de 17,83% (Kg). No 1B2024, a Região faturou cerca de US\$ 211,92 mil com exportações de 28,9 mil t de carne suína. Com a alta sustentável da taxa de ocupação e da melhoria da renda, houve aumento do consumo de proteínas de maior valor agregado pela população, mas não foi fator isolado suficiente para gerar inflação sobre os preços das carnes. Assim, ao longo de 2023, os preços das carnes bovina e suína caíram em relação a 2022, fruto do aumento de oferta no mercado interno. Com isso, a competitividade da proteína suína tem aumentado e a demanda dos frigoríficos se elevou devido à necessidade de reposição dos estoques.

Palavras-chave: Suínos; Produção; Carne; Banco do Nordeste; Nordeste.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biagio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Pedro Barreira Bentemuller e Rodrigo Donato Paes (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 OVERVIEW DO MERCADO GLOBAL

A economia global deverá registrar crescimento lento pelo segundo ano consecutivo, principalmente devido ao efeito das elevadas taxas de juros na maioria das principais economias, além da retração do crescimento na China. No entanto, isso ocorre depois do crescimento global ter superado as expectativas em 2023, resistindo a grandes desafios, especialmente os geopolíticos. Entretanto, considerando países com a economia em desaceleração, a carne suína permanece bem-posicionada, já que a demanda pela proteína é historicamente menos sensível ao fator renda que proteínas mais caras, como carne bovina. Mesmo que os sinais de que o pior impacto inflacionário já tenha passado, os vestígios dessa alta inflação seguem pressionando o consumo, pois os preços de varejo permanecem altos. Esta valorização dos preços no varejo em muitos países pode ser atribuída não apenas à mudança na oferta, mas também a custos mais altos de mão de obra e energia em toda a cadeia de suprimentos, que provavelmente persistirão. O gerenciamento da inflação continuará sendo importante, com ajustes nas taxas de juros que inspirem confiança nos mercados, seja para investidores, empresas ou para o próprio mercado consumidor. No caso do Brasil, os altos juros limitam o acesso ao crédito dos produtores, dirimindo os investimentos e o consumo ainda está sob forte pressão. Medidas públicas de renegociação de dívidas rurais e acessibilidade ao crédito têm sido implementadas como alternativas ao enfrentamento aos desafios dos produtores.

A oferta mais restrita nos países exportadores (EUA e UE) deverá limitar o comércio global de carne suína. Nos EUA o crescimento da produção de suínos diminui à medida que o consumo cai, porém a exportação permanece competitiva. Na Europa, os produtores ainda se recuperam dos preços historicamente altos. No Japão, o consumo de carne suína deverá se manter estável. A capacidade de armazenamento, devido aos altos estoques acumulados em 2022, não permitirá aumento de importação (USDA, 2024b)¹.

De acordo com dados do USDA (2024a), a produção global de carne suína deve cair em torno de 1% em relação à última previsão de outubro de 2023, em torno de 114,53 milhões de toneladas, atribuída a menor produção na China, na UE e no Brasil. A China atravessa desafios de redução na demanda, o que desencoraja a expansão da produção nacional. A economia chinesa vem registrando crescimento lento, enfrentando desafios geopolíticos e demográficos, o que tem suscitado cautela nas decisões de consumo e investimento das famílias e empresas chinesas. A população está envelhecendo e a taxa de nascimentos recuando, o que tende a reduzir o dinamismo do consumo. Somado a este contexto, as tensões geopolíticas vêm provocando realocação nas cadeias globais de suprimentos. Ainda assim, isso não significa que a China deixou de ser um grande player, pois o país ainda disputa a vanguarda de avanços tecnológicos em diversas áreas (LCA, 2024). A produção da União Europeia (UE), por sua vez, também vem diminuindo, uma vez que os países estão sob fortes pressões para modificações nas regulamentações bem como nas preferências dos consumidores. Nos EUA, a produção permanece praticamente inalterada, pois apesar dos declínios no número de partos, há aumento de produtividade de porcos por ninhada. A estimativa é que a produção do Brasil também retraia pelo enfraquecimento da demanda por parte da China. Em 2023, houve uma resposta positiva na produção da China com recuperação dos rebanhos, de forma que as importações caíram 9,4%, em torno de 1,92 milhão de toneladas. Todavia, para 2024, a expectativa é pela retração na produção e considerando a persistência na demanda insatisfeita de consumo, a tendência é que o país continue pressionando os países americanos produtores, como os Estados Unidos e o Brasil, livres da ocorrência de PSA (USDA, 2024b) (**Tabela 1**).

¹ USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. PDS online: Livestock and Poultry. 2024a. Disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: março 2024.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Livestock and Products Annual. Brasil. Setembro, 2023b.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Livestock, Dairy, and Poultry Outlook: Março 2024c.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Livestock and Products Semi-Annual. União Europeia. Março, 2024d.

Tabela 1 – Desempenho global e dos principais players do segmento de carne suína (milhões de toneladas)

Indicador/UF	2022	2023	2024	Indicador/UF	2022	2023	2024
Produção	114,533	114,533	114,533	Exportação	10,943	10,007	10,185
China	55,410	56,900	55,200	Estados Unidos	2,878	3,070	3,116
União Europeia	22,277	20,850	20,700	União Europeia	4,175	3,100	3,100
Estados Unidos	12,252	12,391	12,694	Brasil	1,319	1,414	1,500
Brasil	4,350	4,475	4,675	Canadá	1,416	1,300	1,310
Rússia	3,910	3,950	4,000	México	0,285	0,260	0,265
Vietnã	3,313	3,511	3,686	Chile	0,230	0,260	0,265
Canadá	2,082	2,065	2,015	Rússia	0,170	0,210	0,220
México	1,530	1,570	1,600	Reino Unido	0,261	0,180	0,170
Coreia do Sul	1,419	1,440	1,390	China	0,101	0,092	0,110
Japão	1,293	1,290	1,300	Austrália	0,035	0,045	0,050
Selecionados	107,836	108,442	107,260	Selecionados	10,870	9,931	10,106
Outros	6,697	6,773	6,891	Outros	0,073	0,076	0,079
Consumo	113,236	114,485	113,751	Importação	9,797	9,196	9,697
China	57,434	58,733	57,340	China	2,125	1,925	2,250
União Europeia	18,223	17,855	17,700	Japão	1,523	1,440	1,470
Estados Unidos	9,957	9,876	10,129	México	1,299	1,340	1,340
Rússia	3,758	3,755	3,792	Reino Unido	0,779	0,740	0,745
Vietnã	3,415	3,606	3,786	Coreia do Sul	0,713	0,660	0,705
Brasil	3,033	3,063	3,177	Estados Unidos	0,610	0,530	0,551
Japão	2,765	2,760	2,760	Filipinas	0,561	0,410	0,450
México	2,544	2,650	2,675	Hong Kong	0,251	0,250	0,270
Coreia do Sul	2,072	2,100	2,115	Canadá	0,234	0,265	0,265
Reino Unido	1,563	1,480	1,480	Austrália	0,241	0,210	0,210
Selecionados	104,764	105,878	104,954	Selecionados	8,336	7,770	8,256
Outros	8,472	8,607	8,797	Outros	1,461	1,426	1,441

Fonte: USDA (2024a). Adaptado pelos autores.

As exportações globais de carne suína em 2024 foram estimadas em 10,18 milhões de toneladas, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A previsão da demanda em importações globais de carne suína deve chegar em 2024 a 9,7 milhões de toneladas, valores próximos aos de 2022 (9,8 milhões de toneladas), (USDA, 2024a). A expectativa é que neste ano ocorra retração nas transações, uma vez que os principais países exportadores UE, Estados Unidos e o Brasil passam a competir cada vez mais pelo mercado chinês. Embora as exportações dos EUA permaneçam fortes para importantes mercados como México e o Canadá, as exportações de derivados, com alto valor agregado, têm sofrido queda, considerando a menor demanda de mercados como Japão e China (USDA, 2024b). O ano de 2023 foi difícil para os produtores de suínos nos EUA. O relatório trimestral de suínos de dezembro de 2023 mostrou uma redução nos plantéis de matrizes e reprodutores no acumulado de 2023 de mais de 3%, menor oferta de animais alojados e aumento de custos. Contudo, as exportações de carne suína dos EUA em janeiro de 2024 cresceram 6% em relação a janeiro passado, sendo que 40% do volume exportado foi para o México, 15% para o Japão e o restante principalmente para países asiáticos, como a Coreia do Sul (USDA, 2024c).

O Reino Unido também tem reduzido suas exportações devido à queda de demanda da União Europeia. Em 2022, as remessas dos EUA para a China representaram 10% das exportações totais, enquanto os envios da UE para a China representaram 27% do total das exportações. Neste ano, a oferta de carne suína na UE avançou, embasada na expansão significativa do efetivo de matrizes em 2023. Já é notável o aumento de investimentos na Europa Central voltados para o suprimento interno e o aumento de produção na Europa Ocidental, focado na recomposição dos estoques e no mercado global. Todavia, a curto prazo, os preços da carne suína na UE ainda não são competitivos no mercado mundial, mas à medida que os benefícios da reestruturação na cadeia produtiva começarem a surgir, espera-se uma rentabilidade maior do setor, com fortalecimento das exportações (USDA, 2024d).

Por outro lado, o bem-estar animal e as novas exigências legais para suinocultura são prerrogativas que influenciam todo o mercado global. A Europa é percussora nas normas de bem-estar animal e é referência mundial, já sendo preconizados os ajustes voltados para o fim do uso de gaiolas para fases de gestação e maternidade nas granjas além das boas práticas no abate. A cadeia produtiva no Brasil sofrerá influência das demandas internacionais. As legislações no Brasil, como a Instrução Normativa 113, desde 2020 vêm estabelecendo diretrizes para as boas práticas de manejo e bem-estar animal na produção de suínos e a Portaria 365, desde 2021 aprovou o regulamento técnico de manejo pré-abate e abate humanitário preconizados pelo MAPA. A boa performance de vendas brasileiras está sustentada no pilar da competitividade, por possuir proteínas de qualidade e de baixo custo. Porém, para poder continuar bem-posicionado no mercado, são necessários bom planejamento e controle dos dados para não se perder em eficiência. Apesar dos impactos econômicos que esses ajustes tragam aos criadores, eles se tornarão cada vez mais urgentes para os modelos de criação, uma vez que nossos produtos concorrerão no mercado internacional com plantas de produção cada dia mais alinhadas com as normas de bem-estar e sustentabilidade, em cumprimento às exigências internacionais.

2 Conjuntura Nacional e Regional

Na conjuntura atual, grandes desafios ainda pairam sobre a suinocultura brasileira. Os efeitos pós-pandemia, os conflitos geopolíticos como a guerra no Leste Europeu e do Oriente Médio e as cadeias de suprimentos, as adversidades climáticas do El Niño e seus impactos na agropecuária determinam um ambiente propício à volatilidade dos mercados. O Brasil, pela sua tradição na suinocultura industrial, com uma colaboração de quase 10% no VBP Pecuário nacional (**Tabela 2**), deve permanecer com uma boa fatia de mercado, considerando que toda a produção de carne suína do Brasil (4,67 milhões de toneladas), representa pouco menos de 10% da demanda de consumo total da China (57,34 milhões de toneladas), principal destino das exportações da carne suína brasileira. Apesar disso, a retração econômica que a China vem atravessando acende os alertas para a necessidade de abertura de novos mercados (**Tabela 1**).

Segundo dados oficiais do USDA (2024), o Brasil é atualmente o quarto maior produtor de suínos (cabeças) do mundo, atrás da China, da UE e EUA, respectivamente. Para este ano espera-se aumento de 6% na produção de cabeças, saindo de 45,75 para 48,5 milhões de cabeças; além do aumento de 5% de matrizes, atingindo 32,9 milhões de cabeças, bem como um aumento de 4,5% na produção de carne, atingindo 4,67 milhões de toneladas em 2024.

Nos últimos anos, os produtores brasileiros vinham enfrentando margens de lucro negativas. Em 2023 as margens começaram a melhorar, refletindo em boas expectativas para 2024, baseadas na redução dos custos de produção, por avanços na economia pela redução da inflação e na melhoria do consumo interno gerando demanda para ganhos na produção. Os produtores têm feito investimentos significativos para aumentar a produção de carne – a contar com a expansão dos mercados nacionais e internacionais. Além disso, a China poderá aumentar as importações de carne suína brasileira para este ano, o que resultará em mais animais entrando na linha de produção para atender esta demanda futura. O Brasil está trabalhando atualmente sobre uma Reforma Tributária que impactará no setor agropecuário, uma vez que muitos dos desafios enfrentados ainda estão relacionados às questões tributárias e logísticas (já que alguns dos corredores usados para enviar produtos para o exterior são os mesmos dos grãos), além do fortalecimento da imagem do Brasil no exterior e o protecionismo.

O Valor Bruto da Produção (VBP) obtido até novembro de 2023, com base nas informações do MAPA, atingiu o valor recorde de R\$ 1,16 trilhão, 2,5% superior em valores reais ao obtido no ano de 2022, que foi de R\$ 1,13 trilhão. O VBP Pecuário estimado foi de R\$ 346,9 bilhões, redução de -0,6% em relação a 2022. Neste ano, o VBP da bovinocultura regrediu em todas as regiões e a VBP de frangos cresceu apenas na região Norte. Em contrapartida, o bom desempenho da suinocultura neste mesmo período foi notável pelo aumento da participação no VBP em todas as regiões do País, aumento de +9,21% em relação a 2022, com destaque para região Sul, que tradicionalmente tem a maior participação nacional no setor de suínos (68,45%), apesar dos impactos negativos do El Niño. O que reforça o bom momento do setor e seu impacto positivo na economia nacional (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Desempenho da pecuária no Valor Bruto da Produção (VBP), em Reais (R\$)

Unidade geográfica	2022	2023	Variação (%)	2023 (%)
BRASIL				
VBP Agropecuária	1.131.948.020.575	1.159.978.030.031	2,48	-
VBP Pecuária	349.064.902.598	346.958.463.584	-0,60	29,91
VBP Suínos	31.086.704.924	33.949.860.076	9,21	9,78
VBP Bovinos	148.229.969.300	135.511.521.829	-8,58	39,06
VBP Frangos	93.295.058.809	90.228.117.072	-3,29	26,01
NORDESTE				
VBP Agropecuária	108.939.054.727	105.162.487.149	-3,47	9,07
VBP Pecuária	23.673.780.742	23.648.985.748	-0,10	6,82
VBP Suínos	325.705.710	332.433.007	2,07	0,98
VBP Bovinos	12.512.027.050	11.657.126.819	-6,83	8,60
VBP Frangos	3.717.077.272	3.401.201.702	-8,50	3,77
NORTE				
VBP Agropecuária	72.854.973.524	76.275.421.082	4,69	6,58
VBP Pecuária	32.887.884.099	32.048.420.212	-2,55	9,24
VBP Suínos	34.515.118	35.341.718	2,39	0,10
VBP Bovinos	29.582.135.610	28.082.063.053	-5,07	20,72
VBP Frangos	901.127.486	1.116.746.820	23,93	1,24
SUDESTE				
VBP Agropecuária	285.241.515.499	286.558.944.920	0,46	24,70
VBP Pecuária	90.648.015.787	87.498.065.695	-3,47	25,22
VBP Suínos	5.392.752.351	5.794.024.312	7,44	17,07
VBP Bovinos	33.912.945.035	28.736.058.279	-15,27	21,21
VBP Frangos	19.096.409.716	18.519.031.968	-3,02	20,52
SUL				
VBP Agropecuária	264.182.733.515	278.649.707.973	5,48	24,02
VBP Pecuária	118.321.868.371	119.825.938.400	1,27	34,54
VBP Suínos	21.072.565.582	23.237.223.130	10,27	68,45
VBP Bovinos	16.011.881.917	14.076.139.505	-12,09	10,39
VBP Frangos	54.027.355.343	52.457.837.763	-2,91	58,14
CENTRO-OESTE				
VBP Agropecuária	374.390.291.579	355.350.912.868	-5,09	30,63
VBP Pecuária	81.205.720.556	77.081.597.292	-5,08	22,22
VBP Suínos	4.252.745.352	4.534.835.378	6,63	13,36
VBP Bovinos	54.636.864.922	49.741.182.146	-8,96	36,71
VBP Frangos	13.241.593.447	12.936.717.345	-2,30	14,34

Fonte: VBP/MAPA (2024).

Por outro lado, a disponibilidade de carne suína no mercado interno aumentou ao longo de 2023. Ainda assim, a carne suína permanece como a terceira opção de preferência entre as proteínas animais no Brasil, atrás da carne bovina e da carne de frango. Porém, como os preços da carne suína no mercado local diminuíram, houve um incentivo adicional ao consumo de carne suína, tornando a opção mais competitiva. De acordo com o Relatório Anual da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA, 2023), o consumo de carne suína em 2012 foi de 14,9 kg/*per capita* e atingiu um marco significativo de 18,0 kg/*per capita* em 2022, destacando uma mudança na relação do público com a carne suína, tanto nos hábitos alimentares quanto nas condições econômicas dos consumidores. A indústria suína segue estimulando o consumo através de campanhas de mercado. Outra característica que influencia o consumo interno é a sazonalidade, como em épocas de celebrações como no final do ano, no Natal e Ano Novo Brasileiro em que o consumo tende a aumentar.

2.1 Exportações

As exportações brasileiras de carne suína cresceram no acumulado em 2023 e totalizaram 1,2 bilhão de toneladas, alta de 9,2% em relação ao ano anterior e um volume recorde anual 1,2 milhão de toneladas, apesar dos desafios do segmento. O Brasil é o terceiro maior exportador de carne suína do mundo, segundo dados oficiais do USDA (2024). Neste ano, as exportações devem aumentar em torno de 6%, equivalente a 1,5 milhão de toneladas, baseada na maior disponibilidade de carne suína no País, na alta demanda externa, na abertura de novos mercados e no bom status sanitário em relação a outros países concorrentes que enfrentam desafios com a PSA – Peste Suína Africana.

Considerando o acumulado de janeiro a fevereiro de 2024 (186,78 mil toneladas e US\$ 395,66 milhões), os embarques foram superiores aos registrados no mesmo período de 2023 (165,26 mil toneladas e US\$ 393,64 milhões), variações de +0,51% (US\$) e 13,03% (volume). Neste primeiro bimestre, o Brasil ultrapassou a Espanha e se tornou o maior exportador de carne suína para a China, tanto em volume como em valor, com 49,5 mil toneladas (-32% em relação ao ano anterior). De acordo com dados do ComexStat (2024), completando o ranking dos cinco maiores destinos estão Filipinas, com 22,7 mil toneladas (+176,2%), Chile, com 19,1 mil toneladas (+41,3%), Hong Kong, com 18,5 mil toneladas (+23,5%) e Singapura, com 11,4 mil toneladas (+39%). Com a capilaridade das exportações de carne suína aumentando, pela primeira vez, mesmo em alta, as vendas para Hong Kong foram superadas por outros dois destinos, as Filipinas e o Chile, nações de regiões distintas que vêm aumentando significativamente a sua demanda pelo produto brasileiro. O Japão também, o que sinaliza o elevado padrão de qualidade dos produtos nacionais frente ao rigoroso protocolo japonês (Tabela 3).

Tabela 3 – Desempenho das exportações brasileiras de carne suína, no acumulado janeiro a fevereiro de 2023 a 2024

Países	2023		2024		VAR %	
	US\$	KG	US\$	KG	US\$	KG
China	188.796.943	73.160.268	102.066.693	49.525.502	-45,94	-32,31
Filipinas	17.778.001	8.253.817	48.586.307	22.797.474	173,29	176,21
Chile	30.829.037	13.567.015	40.361.779	19.175.888	30,92	41,34
Hong Kong	33.156.822	14.967.996	37.384.498	18.515.782	12,75	23,70
Japão	14.178.832	4.249.474	31.794.619	9.945.290	124,24	134,04
Singapura	21.052.728	8.269.529	27.404.324	11.492.667	30,17	38,98
Uruguai	15.188.449	6.783.441	15.591.766	6.886.474	2,66	1,52
Coreia do Sul	5.482.324	1.750.933	13.884.884	5.595.626	153,27	219,58
Estados Unidos	3.507.235	1.138.880	8.947.895	2.960.857	155,13	159,98
Geórgia	9.498.915	4.319.388	8.546.324	4.094.054	-10,03	-5,22
Selecionados	339.469.286	136.460.741	334.569.089	150.989.614	-1,44	10,65
Outros	54.177.966	28.797.361	61.093.186	35.797.255	12,76	24,31
Total	393.647.252	165.258.102	395.662.275	186.786.869	0,51	13,03

Fonte: MDIC/ ComexStat (2024). Adaptado pelos autores.

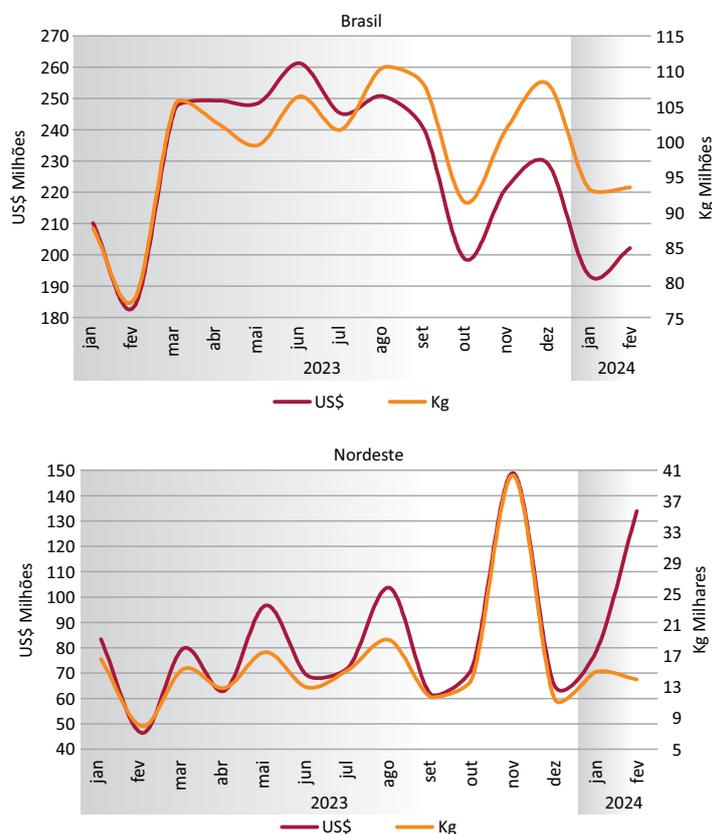
Assim, um dos maiores patrimônios da produção de alimentos do Brasil é o seu status sanitário. O País sobressai com enorme vantagem pelo bom controle e monitoramento sanitários relacionados a doenças como a PSA, Peste Suína Clássica (PSC), a Síndrome Reprodutiva e Respiratória Suína. De acordo com o Relatório 45 da Situação da Peste Suína Africana da OMSA – Organização Mundial de Saúde Animal, publicado em 12 de janeiro de 2024, não há casos de PSA no Brasil no momento. Para isso, tanto o governo brasileiro quanto os produtores são comprometidos e investem em treinamento, para salvaguardar a produção em todos os níveis da cadeia produtiva. Além disso, conforme reconhecimento da OMSA, todo o Brasil é considerado livre de febre aftosa COM vacinação. No entanto, o reconhecimento como livre de Febre aftosa SEM vacinação contempla apenas algumas áreas do País. A expectativa é que à medida que mais países adotarem a recomendação da OMSA, haverá a ampliação das exportações de diferentes estados do País. Vale mencionar que as exportações encerraram 2022

com 1,09 milhão de toneladas, e desde 2021, os resultados vêm se superando ano a ano, considerando a série histórica desde 1997.

Por outro lado, alguns países europeus concorrentes seguem atravessando desafios sanitários, na criação de suínos, principalmente com a escalada de casos de peste suína africana, impactando suas exportações, o que tem favorecido o Brasil. Em 2023, contrariando expectativas, a China reduziu as importações globais de carne suína em 9,13%, entretanto o Brasil conseguiu aumentar a sua participação de mercado em todos os outros nove principais mercados para os quais exporta carne suína, além de chegar aos lares de 121 países. Isto foi um excelente desempenho, que diminuiu a dependência do mercado chinês, ao mesmo tempo que garantiu o recorde de exportação do Brasil em valor e volume em 2023 (ABPA, 2024). Para este ano, as exportações deverão representar 32% da produção total (USDA, 2024). As nações asiáticas seguem protagonistas entre os destinos das exportações brasileiras de carne suína.

Em 2024, no acumulado de janeiro a fevereiro, foram embarcadas no Nordeste, cerca de 28 toneladas e faturamento de US\$ 211,92 mil para 21 países até o momento, acréscimo de +17,83% (Kg) e +63,49% (US\$) em relação ao mesmo período de 2023, em que o Nordeste exportou 24,58 toneladas no valor de US\$ 129,62 mil (**Figura 1**).

Figura 1 – Desempenho mensal das exportações de carne suína pelo Brasil e pelo Nordeste brasileiro



Fonte: MDIC/ComexStat (2024). Adaptado pelos autores.

Em relação ao destino, há colônias que se emanciparam, mas continuam dependentes de importação de proteína devido às limitadas condições de seus territórios, como as Ilhas Marshall e Singapura, insulares, mas com economias bastante distintas. Enquanto as Ilhas Marshall têm poucas opções econômicas, Singapura é um dos países do grupo dos Tigres Asiáticos, juntamente com Hong Kong e Taiwan (Regiões Administrativas da China), com grande perspectiva de mercado. O Panamá, um dos principais destinos das exportações de carne suína do Nordeste, tem como principal economia o setor de serviços associado ao Complexo do Canal do Panamá (**Tabela 4**).

Tabela 4 – Desempenho bimestral das exportações nordestinas de carne suína, no acumulado janeiro a fevereiro de 2023 a 2024

Países	2023		2024		VAR (%)	
	US\$	KG	US\$	KG	US\$	KG
Espanha			90.162	6.108	-	-
Panamá	23.112	4.494	25.966	4.973	12,35	10,66
Marshall, Ilhas	28.194	5.203	24.282	4.650	-13,88	-10,63
Hong Kong	8.006	1.531	15.442	2.782	92,88	81,71
Libéria	22.383	4.203	13.677	2.747	-38,90	-34,64
Singapura	7.681	1.212	8.698	1.436	13,24	18,48
Chipre	2.736	395	5.568	951	103,51	140,76
Malta	2.948	475	4.996	1.041	69,47	119,16
Bahamas	3.437	746	4.499	618	30,90	-17,16
Noruega	8.885	1.588	3.621	812	-59,25	-48,87
Selecionados	107.382	19.847	196.911	26.118	83,37	31,60
Outros	22.243	4.734	15.008	2.846	-32,53	-39,88
Total	129.625	24.581	211.919	28.964	63,49	17,83

Fonte: MDIC/Comexstat (2024). Adaptado pelos autores.

2.2 Abate

Segundo o IBGE (2024a)², o abate de suínos no Brasil atingiu 14,15 milhões de cabeças no 4T2023. Analisando o abate de suínos depois de um longo ciclo de crescimento da produção (entre 2019 e 2022), observa-se que no 4T2023 (+1,13%) houve aumento do abate (cabeças) em relação ao mesmo 4T2022, porém queda em relação ao 3T2023 (-3,36%). Na produção no 4T2023, recuou -5,8% (1,30 milhão de toneladas), em relação ao 3T2023 (1,38 milhão de toneladas), mas significou ganhos em produtividade de +1,56% em relação ao 4T2023 (1,28 milhão de toneladas). No 4T2023, o abate de suínos teve alta em 10 das 26 Unidades da Federação em relação ao 3T2023. Ao se fazer a mesma análise comparativa do crescimento do abate de suínos entre os semestres de 2023, observa-se pequeno crescimento no segundo semestre em relação ao primeiro de +1,42% em cabeças e +2,01% em toneladas de carcaças. Entenda-se que a retração econômica chinesa vem controlando suas importações e limitando a demanda.

A suinocultura segue com crescimento de preços e de volume de vendas no mercado doméstico. Para este ano, de acordo com dados do USDA (2024), há previsão de aumento de 3,6% nos abates no Brasil, atribuídos ao crescimento da produção e uma procura externa positiva para os produtos suínos a nível mundial.

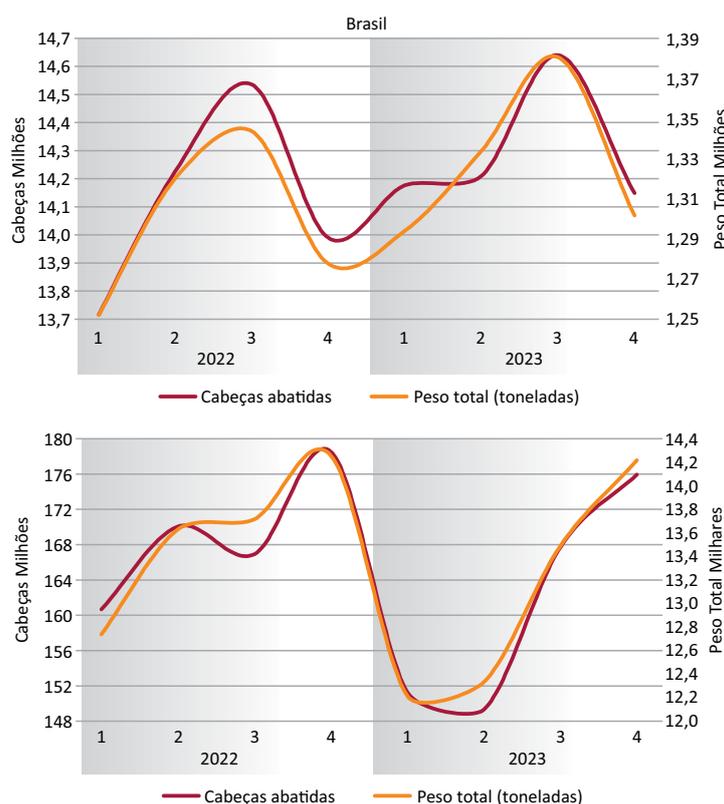
No caso do Nordeste, houve alta de +4,89% no abate de suínos no 4T2023 em relação ao 3T2023 (167,72 para 175,92 mil cabeças), com aumento na produção de carne de +5,39% (13,49 mil para 14,22 mil toneladas). Ainda assim, o peso ao abate dos animais do Nordeste (5,38 @) obteve menor peso médio que a média nacional (6,12@). Por outro lado, a preferência do consumidor pela carne suína tem crescido na Região, principalmente pela carne resfriada, enquanto os cortes congelados são uma opção secundária, comumente de origem do Centro-Sul do País (**Figura 2**). No Nordeste, há predominância de sistemas de criação independentes, composta em sua maioria por mini, pequenos e médios produtores, em muitos casos de ciclo completo. Nas áreas mais vocacionadas para produção de grãos, concentram-se grande parte dos produtores, o que auxilia na redução de custos por favorecer a logística de insumos para as dietas. Entretanto, a demanda insatisfeita de assistência técnica ainda é grande. De acordo com dados do Censo 2017 analisados pela Embrapa (2023), 90% dos produtores entrevistados no período afirmaram não ter acesso a assistência técnica e extensão rural (ATER). O

² IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais - 4º trimestre. 2024a. <https://sidra.ibge.gov.br/home/abate/brasil>. Acesso em: 10 MARÇO. 2024.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Caracterização da suinocultura no Brasil a partir do Censo Agropecuário 2017 do IBGE / Marcelo Miele e Maxwell Merçon Tezolin Barros Almeida. – Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2023.

fortalecimento do cooperativismo seria uma boa alternativa de integração entre produtores e fornecedores em um esforço colaborativo para impulsionar o setor, uma vez que o Nordeste tem crescido consideravelmente na produção de grãos (milho, soja) tanto em áreas de Cerrado como no Semiárido, registrando em anos subsequentes os melhores índices de produtividade, nos estados do Piauí e Bahia, como exemplo. Essa forma de organização traria inúmeros benefícios para a expansão da atividade na região, como o acesso à assistência técnica de qualidade, facilitando a adoção de práticas sustentáveis, o compartilhamento de tecnologias, recursos e estratégias para alcançar melhores resultados de produção/produtividade, além de ampliar a geração de emprego e renda.

Figura 2 – Desempenho trimestral do abate e da produção de carne no Brasil e no Nordeste



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2024).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeções sanitárias federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

Complementa-se que no Nordeste a evolução da suinocultura industrial, a desmistificação de informações equivocadas sobre a carne suína e a preferência no paladar dos cortes suínos para diferentes pratos, sejam para o dia a dia, nas boutiques de carne ou mesmo nos bares e restaurantes, evidentemente, além do menor preço, são fatores que estão impulsionando a produção local. Em alguns estados como o Maranhão, Piauí e Bahia, a produção mais que triplicou apenas nos três últimos anos, estando fortemente atrelada à facilidade de acesso a forte produção de grãos (Matopiba). A própria demanda aquecida, foi responsável pelo aumento significativo da produção, em estado onde a geografia da produção não é tão favorável em relação às áreas de produção de milho e de soja, como o Ceará, segundo maior produtor, mas que possui fácil acesso ao Matopiba. Os estados mais produtivos seriam Bahia, seguidos de Ceará e Pernambuco, tanto em número de suínos abatidos como no peso das carcaças. Neste aspecto, no 4T2023 a Bahia abateu 62,3 mil cabeças, com peso de 6,00 mil t. No geral, os suinocultores nordestinos têm mostrado não apenas resiliência diante das adversidades, mas aumentaram a capacidade produtiva para atender os mercados, também complexos, tanto o global como o doméstico (**Tabela 5**). Todavia, a maioria dos produtores ainda operam de forma individualizada, fora de um sistema de integração ou cooperação e por isso assumem, de forma individual, lucros e prejuízos na atividade. Interessante seria maior interação entre os agentes da cadeia na busca de ampliar oportunidades e fortalecer a representatividade do setor. Segundo Ximenes (2021), é importante

ressaltar, que o porto de Itaqui, no Maranhão, tem potencial para operar no embarque de carnes, e tem se destacado na logística de escoamento das commodities agrícolas não apenas do Nordeste, mas de outras regiões do País³.

Tabela 5 – Desempenho trimestral do abate de suínos no Nordeste, animais abatidos (cabeças) e peso total das carcaças (kg) de 2022 a 2023

Variável /UF	2022				2023				%	
	1T	2T	3T	4T	1T	2T	3T	4T	3T2023_4T2023	4T022_4T2023
Suínos abatidos	160.658	170.033	166.902	178.498	151.225	149.291	167.720	175.920	4,89	-1,44
BA	71.937	78.926	75.878	82.060	70.883	62.260	77.980	81.161	4,08	-1,10
CE	47.901	46.293	46.626	42.606	36.644	42.316	42.952	46.503	8,27	9,15
PE	17.713	17.394	18.713	20.744	16.831	16.560	17.236	18.042	4,68	-13,03
MA	11.534	10.257	8.364	12.718	11.496	12.109	13.499	13.800	2,23	8,51
PI	7.439	7.568	7.182	10.860	7.699	9.183	9.149	8.955	-2,12	-17,54
AL		4.716	5.212	5.686	4.938	4.466	4.650	5.182	11,44	-8,86
RN	4.134	4.879	4.927	3.824	2.734	2.397	2.254	2.277	1,02	-40,46
Peso	12.738.147	13.628.760	13.715.533	14.256.174	12.213.065	12.331.203	13.489.430	14.216.621	5,39	-0,28
BA	6.257.980	6.946.883	7.034.396	7.264.786	6.339.748	6.001.230	7.030.213	7.178.493	2,11	-1,19
CE	3.826.189	3.691.806	3.721.490	3.377.887	2.914.515	3.334.169	3.390.085	3.729.945	10,03	10,42
PE	979.570	874.037	739.865	1.180.693	1.042.813	1.115.022	1.136.500	1.271.064	11,84	7,65
MA	1.082.731	1.057.103	1.162.939	1.262.842	1.026.468	998.338	1.060.452	1.132.013	6,75	-10,36
PI		368.281	416.887	462.945	393.455	361.163	374.539	408.888	9,17	-11,68
AL	292.704	354.421	289.637	437.633	310.234	359.771	352.823	343.854	-2,54	-21,43
RN	298.973	336.229	350.319	269.388	185.832	161.510	144.818	152.364	5,21	-43,44

Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2024).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeções sanitárias federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

A carne suína vem ganhando competitividade em relação à carne bovina desde 2020 de maneira que os mercados de carne suína e animais vivos se fortaleceram no início de 2023. Entretanto, um dos fatores que impede maiores altas na cotação da carcaça suína é essa correlação de preços com as demais carnes. Cabe lembrar que quanto mais alta a relação percentual boi-suíno e quanto mais baixa a relação suíno-frango, mais competitiva é a carne suína em relação às outras.

Em 2023, o preço da carcaça bovina caiu em relação ao ano anterior, fruto do aumento de oferta no mercado interno, inclusive no período de entressafra do boi de pasto, em função da fase do ciclo pecuário em que o abate esteve em alta e as exportações não absorveram na mesma proporção. Os resultados observados em fevereiro deste ano já demonstram uma queda nos preços médios das carnes suína e bovina, com declínio mais intenso para a carne bovina. Já a carne de frango se valorizou, reflexo do bom desempenho das exportações, que ajudou a enxugar a oferta doméstica, elevando os preços. Com isso, a competitividade da proteína suína aumentou em relação à avícola, mas caiu frente à carne bovina. Neste mês, a demanda dos frigoríficos por carne suína cresceu, devido à necessidade de reposição dos estoques, tendo em vista a procura pela proteína mais aquecida na ponta final.

Por outro lado, as altas taxas de inflação desde 2021 pressionam os custos de produção, especialmente custos com energia, transporte, ração e outros custos operacionais. Porém, após dois anos de margens negativas, a suinocultura começou a adentrar num período mais favorável, em função da queda dos custos dos grãos que vem ocorrendo desde o primeiro trimestre do ano. O fato é que, a permanência desse cenário dependerá do resultado favorável das safras de grãos no mercado internacional, além dos impactos do El Niño.

³ XIMENES, L. F. Carne Suína. Caderno Setorial ETENE. Fortaleza: Banco do Nordeste, ano 6, n. 171, 2021. 12p. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/828/1/2021_CDS_171.pdf Acesso em 7 abril de 2022.

Um fator chave que impacta a produção suína no Brasil é o custo da ração. Para a suinocultura, a alimentação representa pelo menos 70% de todos os custos. Para este ano, a SINDIRAÇÕES estima um déficit de 55 milhões de toneladas em rações e suplementos. Com as reduções previstas na produção de milho e soja no Brasil, surgiram preocupações sobre possíveis impactos para a indústria de proteínas animais.

No 6º levantamento de safra da Conab (março, 2024b)⁴, há previsão de redução na colheita de milho com estimativa de 112,7 milhões de toneladas, queda de -14,5% em relação ao ano anterior. Para a safra de soja, o Brasil deverá colher 146,85 mil toneladas, -5,0% superior à safra 22/23, com produtividade média de 3.251 kg/ha. Apesar da redução em relação à safra anterior, a produção estimada para essa safra de soja vem se configurando como segundo melhor resultado histórico. Devido às condições climáticas desfavoráveis, grandes regiões produtoras obtiveram rendimentos bem abaixo do esperado sendo necessário ajustes focados na produtividade. No Matopiba, a semeadura ocorreu mais tardiamente na tentativa de favorecer o desenvolvimento das lavouras em consonância com o período de melhores índices pluviométricos. A colheita nas regiões Norte e Nordeste alcançou 93% do espaço alocado, com produtividade média em torno de 3.400 kg/ha a maior entre as regiões brasileiras, surpreendendo positivamente os produtores, em comparação com outras regiões que enfrentaram maiores dificuldades devido aos efeitos adversos do clima, no ciclo 2023/24.

Como o País convive com sérios problemas de déficit de armazenagem para estocagem da alta produção, a oferta ainda continua grande, mas as cotações do milho continuam relativamente baixas, determinando junto com o preço do farelo de soja, um menor custo de produção de suínos, o que tende a valorizar o suíno vivo, trazendo um cenário mais favorável ao produtor. Segundo a avaliação da Conab (março, 2024)⁷, entre janeiro e fevereiro de 2024 a nível nacional, o preço da soja teve queda de -10,77% (de 116,35 para 103,82 R\$/saca de 60kg) e do milho recuo de -4,37% (de 67,07 para 64,14 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem, enquanto o preço da carne suína caiu -6,49% (6,98 para 6,53 R\$/kg de suíno vivo), considerando valores nominais pagos ao produtor. A região Nordeste seguiu a mesma tendência de oscilação nos preços, o preço da soja teve queda de -12,32% (de 121,31 para 106,37 R\$/saca de 60kg) e do milho, queda de -5,22% (de 77,20 para 73,17 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem.

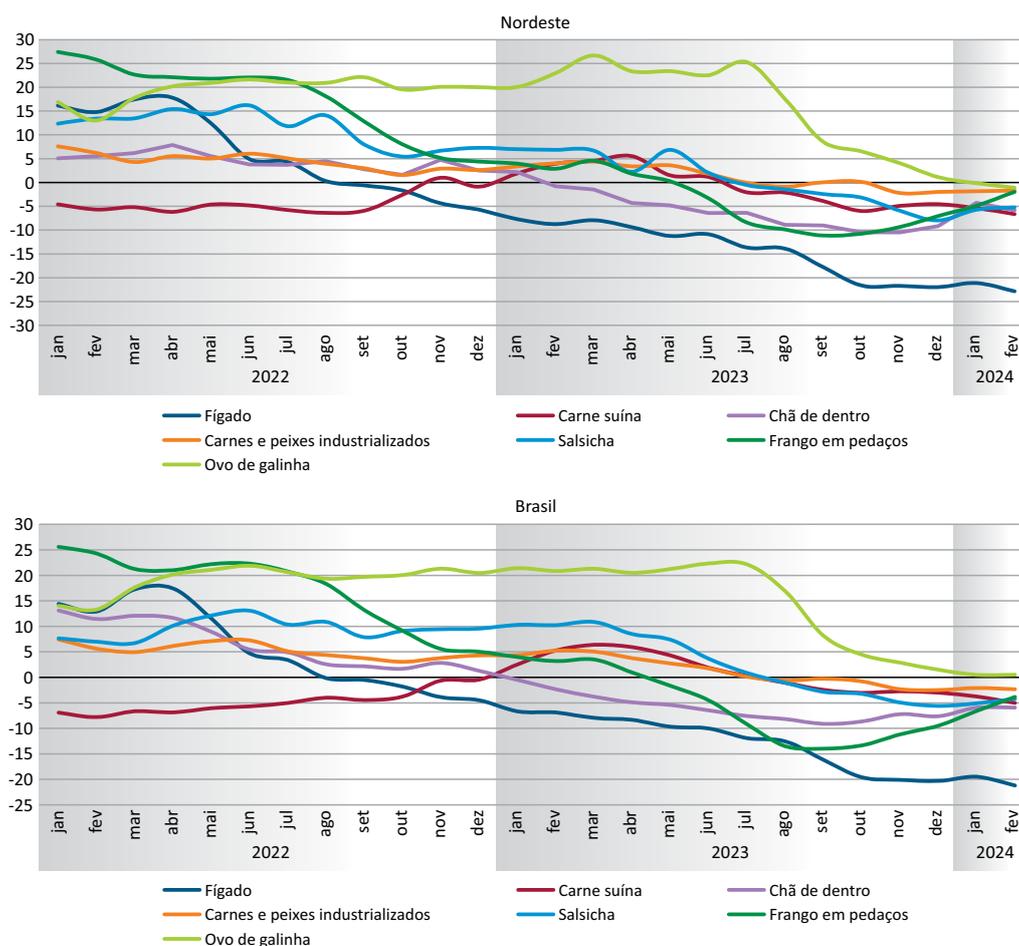
Quando comparado com o ano anterior, observou-se forte demanda por produtos cárneos, com notável aumento no consumo. O Brasil vem trabalhando para diminuir a taxa de desemprego e favorecer o poder de consumo. Segundo dados da PNADContínua do IBGE (2024b)⁵, no período de 3T2020, foram registradas as maiores taxas de desemprego, em torno de 14,9%. Porém, no 4T2022, houve notável redução na taxa de desemprego para 7,9%, e no 4T2023, chegou a 7,4% de desemprego. Uma expressiva recuperação, considerando o período pós-pandemia. As condições melhoraram ao longo de 2023. A criação de empregos segue positiva e o mercado de trabalho continua bastante fortalecido. A redução dos índices de inadimplência, endividamento diminuiu a percepção de risco pelas instituições financeiras. Por fim, deveremos observar a recuperação mais forte do rendimento médio real, tanto pelo reajuste real do salário-mínimo como pela própria evolução salarial da população ocupada, que vem mostrando tendência de elevação da participação dos trabalhadores com rendimentos superiores a 2 salários-mínimos. Desta forma, beneficiadas pela continuidade da resistência no mercado de trabalho e renda familiar, as expectativas para o 1T2024 levaram o indicador para o patamar positivo, que sinaliza condições de oferta mais favoráveis ao longo do ano (LCA Setorial, 2024) com melhorias no poder de compra. No Nordeste, no 4T2023, a taxa de desocupados foi de 10,4%, com recuo de -4,59% em relação ao 4T2022 (10,9% desemprego). Estimada em 2.631 mil pessoas, variou em -107 mil pessoas em relação ao mesmo período do ano anterior (2.738 mil pessoas). Também, houve queda em relação ao trimestre anterior, de 2.740 mil pessoas, uma redução de -109 mil pessoas desempregadas.

4 Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.11 – Safra 2023/24, n.6 - Sexto levantamento, p. 1-125, março 2024. ISSN 2318-6852.

5 IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2024b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=quadro-sintetico/>. Acesso em: março. 2024 LCA SETORIAL. Relatório de Crédito, Dezembro/2023. 20p. 2024. BNB/ISI Emerging Markets Group Company.

No período de janeiro a fevereiro deste ano, observou-se evolução no consumo para carne de frango e carne bovina (chã de dentro). As carnes de suínos, fígado e de peixes processados mantiveram comportamento estável sendo que a salsicha e o ovo de galinha sofreram retração de consumo, sinalizando a melhora no poder de compra da população em consonância com a redução da taxa de desemprego, ajustes no salário-mínimo e maior controle da inflação. Na Região Nordeste, o comportamento iniciado em meados do segundo semestre de 2023, foi sentido de forma semelhante ao restante do País, porém com maior intensidade (**Figura 3**). Apesar da ligeira melhoria no acesso a proteínas de maior qualidade por parte da população, o quadro ainda não é estável e a inflação sobre alimentos ainda representa forte impacto para a economia.

Figura 3 – Variação média mensal (%) nos preços de proteínas alternativas (acima) e cortes de carnes no Nordeste (abaixo)



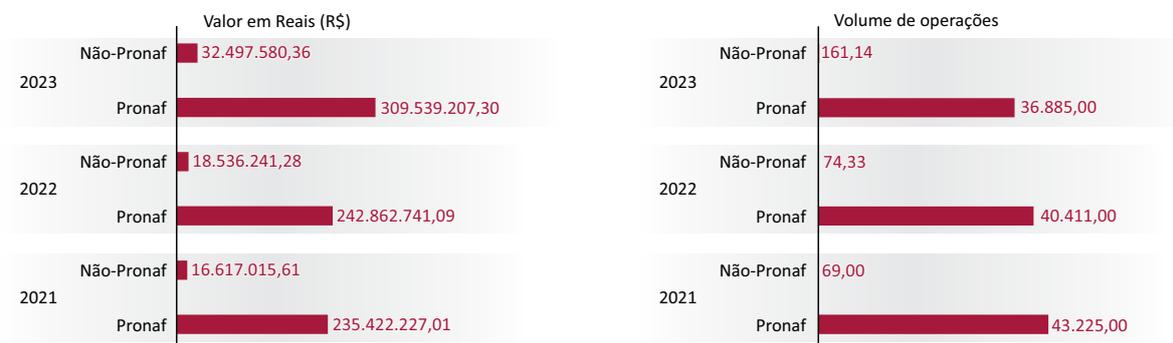
Fonte: SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (IBGE, 2024). Elaborado pelos autores.
 Notas: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários-mínimos, mais sensíveis à inflação. Amostra: Recife, Fortaleza e Salvador.

2.3 Banco do Nordeste

O Banco do Nordeste sempre esteve presente apoiando fortemente a suinocultura em sua área de atuação, oferecendo programas de crédito especializados voltados para as diferentes categorias de produtores. Dados comparativos de 2021 a 2023, apontam o avanço crescente do crédito FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste) no Semiárido, representando importante apoio à agricultura familiar através do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e a evolução da disseminação do crédito em todos os estados de atuação do Banco. Na sua maioria, o perfil dos criadores de suínos é proveniente da agricultura familiar e contemplados pelo Pronaf. Considerando o intervalo de 2021 a 2023, observa-se o aumento do valor das operações contratadas no Pronaf em detrimento do volume de operações contratadas, sinalizando a ascendência dos produtores em relação à capacidade de tomada de crédito via Pronaf. Os valores contratados em operações não Pronaf também evoluíram, mais que dobraram de 2021 a 2023 (**Figura 6**). Com isso, o Banco segue

com suas diretrizes no cumprimento de sua missão junto ao desenvolvimento regional alavancando os produtores e conferindo-lhes melhores condições de renda com fixação da atividade no campo.

Figura 4 – Evolução das contratações FNE para suinocultura



Fonte: Base do Ativo do BNB. Elaboração: BNB/Etene/Célula de Gestão de Informação Econômica (CGIE) e Célula Setorial

3 SWOT NORDESTE

Pontos fortes e oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • Condições favoráveis de clima, com temperatura constante ao longo do ano; • Melhores condições de acesso a financiamento com encargos subsidiados; • Região do MATOPIBA, produtora de grãos (Bahia, Maranhão e Piauí); • Amplo mercado doméstico; • Demanda externa aquecida; • Câmbio favorável às exportações; • Presença de empresas âncoras; • Mercado institucional e formal para produtos in natura; • Mercado orgânico de produtos por meio do sistema de criação ao ar livre; • Inovações financeáveis para microgeração de energia (fotovoltaica), reúso de rejeitos para produção de energia (biogás); • Eixo Norte em operação como equipamento logístico de exportações para os produtos cárneos nordestinos, reduzindo custos (Porto de Itaqui, Maranhão); • Evolução no pensamento sobre a carne suína como segura à saúde humana; • Mudança tecnológica favorável nos pequenos e médios produtores; • Atividade com elevado padrão tecnológico;
Pontos fracos e ameaças	<ul style="list-style-type: none"> • Elevado custo de energia; • Alto custo do frete rodoviário; • Baixa infraestrutura de armazenamento de grãos; • Impossibilidade de repasse ao consumidor; • Impactos negativos do fenômeno El Niño, afetando as estimativas de produção e produtividade; • Tensões geopolíticas podem prejudicar as exportações; • Carência de marketing e campanhas para promoção dos benefícios à saúde pelo consumo da carne suína e de estratégias de fomento ao aumento do consumo.

4 Sumário Executivo Setorial

<p>Ambiente político-regulatório</p>	<ul style="list-style-type: none"> O setor é regulamentado e está vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do MAPA, os quais são responsáveis pela inspeção dos produtos de origem animal para consumo humano e pela fiscalização de produtos para alimentação animal; controlados através dos selos de inspeção tanto nas esferas federal, estadual, quanto municipal. Em 2019, foi criado pelo MAPA, um Observatório da Agropecuária Brasileira, no intuito de acompanhar e gerir, de forma integrada, os dados produzidos por diferentes unidades da Agricultura, cadeias produtivas e setores da agropecuária. Estados nordestinos do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte tiveram o reconhecimento de equivalência dos seus serviços de inspeção de produtos de origem animal junto ao SISBI-POA (Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal). Dessa forma, os produtos de origem animal poderão ser comercializados em todo o País. As agroindústrias passarão a adquirir mais matéria-prima, beneficiando, direta e indiretamente, os produtores e empreendedores locais; O ambiente político está imbuído em desburocratizar e simplificar processos e procedimentos de habilitação de estabelecimentos voltados para a exportação, além de trabalhar a sustentabilidade na produção, com foco em produtividade/área e segurança alimentar; o País está fortemente engajado na busca de cooperação horizontal entre países, blocos e organizações de referência para abertura de mercados e aumento nas exportações; Em relação às exportações, de acordo com o Copom, para a regulação do câmbio, a expectativa é de que a taxa de câmbio se mantenha na faixa de R\$/US\$ 4,95 a 5,00. O CMN criou linha emergencial de crédito de custeio pecuário para famílias enquadradas no Pronaf que estão prejudicadas pela estiagem na área de atuação do BNB e Sudene.com recursos do FNE. O Conselho autorizou também a renegociação de operações de crédito ativas originadas com recursos do FNE, como forma de diminuir o impacto das secas na atividade agrícola local
<p>Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> A intensidade dos eventos climáticos atuais tem causado impactos que se refletem em diferentes setores, incluindo a agropecuária. No Brasil, depois de quase três anos sob as condições de La Niña, o panorama climático mudou com a chegada do El Niño, desde junho/2023. Na Região Nordeste, que inclui áreas do Matopiba e Sealba, há previsão de chuvas abaixo da média, que podem contribuir para a redução do armazenamento hídrico e que podem afetar o desenvolvimento dos cultivos de primeira, segunda e terceira safras. No centro-sul da Bahia, os volumes de chuva podem ficar próximos ou acima da média histórica. Para mitigar as adversidades, estratégias como o ajuste genético de variedades tolerantes à seca e de alta performance, o escalonamento da data de semeadura, o preparo e correção do solo em profundidade, o uso de bioestimulantes e, quando possível, de irrigação, são fundamentais. Além disso, a adoção de fertilizantes antiestresse, a manutenção de uma cobertura adequada do solo e matéria orgânica e um controle fitossanitário integrado e rigoroso são essenciais para enfrentar os desafios impostos pelo clima. Do lado da produção, a estimativa de fevereiro de 2024 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas para 2024 é 300,7 milhões de toneladas, -4,7% menor que 2023 (315,4 milhões de toneladas). A estimativa da produção variou positivamente para as duas regiões: a Sul (10,3%) e a Norte (2,1%), porém negativa para as demais: a Centro-Oeste (-12,1%), Sudeste (-8,7%) e Nordeste (-4,3%). As estimativas do milho e da soja, 2023-2024 serão inferiores à safra anterior 2022/2023, com queda de -13,8% para a estimativa de milho total e -3,4% de soja. Apesar dos impactos climáticos do El Niño em 2023, as perspectivas para safra ainda são boas para o Brasil. O que pode favorecer a redução nos custos de produção da suinocultura; O mercado demanda que a cadeia de produtos seja mais sustentável, gerando adequação em todos os atores da cadeia, produtores, indústria e varejo. As estiagens que se observam em todo o País têm elevado o custo de energia. Demandam, portanto, investimentos, com recursos subsidiados, na geração de energia elétrica (fotovoltaica) como insumo para o setor produtivo. Entretanto, ainda é bastante elevado o custo de instalação da energia fotovoltaica. Por outro lado, em muitas granjas, a utilização de fontes renováveis de energia já é uma realidade, principalmente solar e energia de biomassa, como biodigestores na produção de biogás na forma de biometano e revertido no fluxo de produção como energia renovável (verde), além disso o reaproveitamento de dejetos na forma de bioinsumos, confere redução de custos com fertilização em lavouras, tornando-se uma ótima alternativa de valor agregado estratégico em tempos de alto custo de fertilizantes. Essas medidas repercutem como investimento a médio e longo prazos com impacto na redução de custos, tendo forte aplicação na manutenção de instalações, nas plataformas operacionais e de abate ou mesmo frotas de veículos de transporte.

<p>Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para o setor, existência de associações etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> A atividade é tradicional no mercado nacional e está amparada por boa liquidez. Em 2023, no acumulado de janeiro a novembro, o VBP da Pecuária representou 29,9% do VBP Total (Pecuária + Lavoura), dentre este percentual a Suinocultura ocupou a quarta posição no ranking das atividades pecuárias do País, antecedida pelo setor de lácteos, um equivalente de 9,78% do VBP Pecuária/ Suínos (MAPA); em 2023, o VBP Suínos teve variação positiva em todas as regiões do País quando comparado com o ano anterior; Todavia, na maioria dos municípios da região semiárida e áreas de atuação do Banco, há pequena organização da cadeia de produtores, marcada por poucos produtores de médio porte e maioria de pequeno e mini produtores, mas que ainda trabalham de forma individualizada, sem sistemas integralizados e com pouca representação por meio de cooperações. Praticamente toda produção de carne suína no Nordeste é absorvida no mercado interno varejista, ainda com pequena expressão no volume nacional e de exportações; Muitas instituições públicas de pesquisa amparam o setor (Unidades da Embrapa, Universidades Federais, Estaduais, Escolas Técnicas etc.), entretanto, a assistência técnica especializada ainda é incipiente, sendo necessário apoio para garantir esse acesso aos diferentes níveis de produtores; No Nordeste há avanços em infraestrutura logística que favorecem as exportações, como: o Eixo Norte em operação, reduzindo custos os Porto de Itaqui, Maranhão; Suape em Pernambuco; regiões produtoras de grãos no Nordeste - Matopiba (Bahia, Maranhão e Piauí) e SEALBA (Sergipe, Alagoas e Norte da Bahia), fundamentais no abastecimento de grãos para a Região a preços competitivos, com papel muito importante na redução dos custos de produção da atividade; o amplo mercado doméstico (institucional e formal), com elevada demanda insatisfeita; a demanda externa aquecida; apesar das oscilações no câmbio, este ainda está favorável às exportações.
<p>Resultados das empresas que atuam no setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> De acordo com dados da EMIS (2024), grande parte das maiores empresas do setor de criação e abate de suínos no Brasil teve desempenho positivo em 2022 em relação a 2021, tendo apresentado crescimento do EBITDA, do lucro e redução no endividamento. A maioria das empresas estão centralizadas, no Sul, Centro Oeste e Sudeste (MG; SP). Entretanto, a atividade vem avançando também pelo Nordeste, mas ainda precisa de investimentos de infraestrutura. Destaque para empresas de criação de suínos como Xerez avícola (CE), Guaiúba Agropecuária (CE), Agropaulo Agroindustrial (CE), Paudalho Agropecuária (PE), Granja Agromina (MA) alguns frigoríficos como Frigotil Timon (MA), o de Barreiras e Alagoinha (BA), que já têm a suinocultura como atividade secundária, sendo todas na região de atuação do BNB, com forte participação no mercado regional.
<p>Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> Segundo IPEA, há projeção de crescimento do PIB Agropecuário com variação de 13,8% para 2023, sendo que 1,6% atribuídos só à pecuária. Apesar da retração na demanda, a China ainda é o principal cliente do Brasil. O Brasil é o 4º produtor mundial de suínos e tem boas perspectivas de aumento nas exportações para este ano incluindo a China e novos mercados; No mercado interno, a possibilidade de redução nos custos de produção pela maior oferta de milho e soja e a estratégia de reduzir o abate de animais como forma de ajustar a oferta/demanda tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno. Com isso, os preços da carne suína ao consumidor seguem avançando em todas as regiões, justificada pelo aquecimento da demanda; A carne suína é uma opção competitiva para o mercado de carnes. Ainda assim, o Nordeste não tem tradição na produção, nem elevado consumo de carne suína. Mas a atividade está ganhando espaço a cada dia. Fato é que a demanda de consumo vem aumentando gradativamente, graças à competitividade do mercado de carnes. Com isso, espera-se que a médio e longo prazos, as perspectivas possam ser cada vez mais promissoras, alavancadas pelos avanços da produção de grãos do Matopiba, na facilidade de escoamento pelos portos de Itaqui (MA) com potencial para exportações de carnes, além da demanda de consumo em crescimento. As exportações estão crescendo ano a ano.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>